

Variação e mudança linguística, ainda e sempre

Maria Antónia Coelho da Mota

Faculdade de Letras de Lisboa e Centro de Linguística
da Universidade de Lisboa

1. Preâmbulo

Falar de variação e de mudança linguística no âmbito de uma Mesa-Redonda sobre *Norma, Variação e Desvio na Gramática do Português Contemporâneo*¹ requer ter presente a clara fronteira que separa aqueles três conceitos, assim como sugere o interesse em problematizar a existência de uma única gramática do português. Procurarei contribuir para esta discussão ao centrar-me no objecto e nos objectivos do estudo da variação e da mudança linguística e na sua relevância para o conhecimento linguístico. Com efeito, o ter em conta não apenas a chamada variedade padrão ou variedade standard, mas também as diferentes variedades (ou as diferentes gramáticas, na perspectiva de Kroch (1989) e Lightfoot (1999), por exemplo) que dada língua subsume e os percursos de mudança em curso ou já estabilizados nessa língua tem dado lugar a trabalhos teóricos que não só têm trazido avanços relativamente ao conhecimento das línguas particulares como mostram que, em termos de gramática mental ou Língua-I (Chomsky 1986), não há lugar a hierarquizações entre variedades (ou entre gramáticas). Optar por desenvolver a teoria linguística com base apenas em dados do standard supõe assumir-se que se deixa para trás muita informação importante, o que limita o acesso à compreensão dos percursos de mudança. Do ponto de vista do investigador, a consideração da variedade standard é importante por si própria e na medida em que esta constitui uma 'unidade padrão', uma referência a usar no trabalho de comparação entre variedades. Do ponto de vista social e cultural, estando a variedade standard, nas nossas sociedades, associada a norma e, logo, a prestígio, é um dever favorecer o acesso de todos os falantes a essa variedade, nomeadamente através da escola; contudo, por um efeito perverso, tal pode implicar a perda da variedade materna dos falantes, o que significa empobrecimento do património linguístico. É de notar que o estudo das línguas ou das variedades socialmente desprestigiadas teve um papel crucial (com implicações positivas do ponto de vista social e político) no desenvolvimento das abordagens teóricas e de outros estudos sobre variação e mudança linguística, de que são exemplo os trabalhos realizados sobre crioulos ou sobre o *Black English* ou *African American Vernacular English* (AAVE), nos Estados Unidos.

¹ O presente texto corresponde à minha intervenção nesta Mesa Redonda.

No âmbito dos estudos de variação e mudança, as produções desviantes relativamente ao padrão não constituem um objecto central, pelas razões brevemente apontadas de seguida. No quadro da sociolinguística variacionista laboviana, opera-se com os conceitos de variante e de regra variável, considerando-se ser no seio da comunidade de fala C que as variantes produzidas pelos seus membros são socialmente julgadas como prestigiantes ou desprestigiantes e não em função do que, noutros quadros, se chamaria variedade padrão da língua L. Existem, assim, diferentes normas², mais ou menos consensuais, nas diferentes comunidades falantes dessa mesma língua L, postulando-se, ainda, que os falantes dispõem de diferentes estilos (Labov 1972), o que justifica a variação nas suas produções. Neste sentido, o desvio fica fora do âmbito da discussão sobre variação. Nos estudos de inspiração generativista (por exemplo, Kroch 1989 e Lightfoot 1991, 1999), por seu lado, é defendida a existência de gramáticas em competição, pelo que a variação observável no conjunto dos falantes de uma língua L advém dessa co-existência de gramáticas e a variação observável num mesmo falante é explicável pelo facto de cada indivíduo poder possuir mais do que uma gramática, dependendo das suas experiências linguísticas. Assim, “sob uma perspectiva biológica, não há uma única gramática do inglês, mas antes várias gramáticas que existem nas mentes dos falantes do inglês” (Lightfoot 1999:77)³, pelo que os termos “língua L” ou “gramática da língua L” correspondem a abstrações. Por outro lado, e coerentemente, é defendido que a mudança linguística ocorre nas gramáticas e não na língua. Neste tipo de abordagem, o erro é considerado relevante na medida em que o papel da aquisição é importante para a argumentação sobre a existência de gramáticas em competição e para a explicação da variação e da mudança linguística: as crianças, nas fases iniciais de aquisição da língua materna, cometem erros relativamente a dada propriedade linguística devido à sua exposição a *inputs* linguísticos heterogéneos, fracamente representados ou ainda caracterizados por um alto grau de instabilidade, do ponto de vista diacrónico (Kroch 1989).

2. Duas abordagens da variação e da mudança linguística

O contributo do pensamento desenvolvido sobre variação e mudança linguística por investigadores das duas escolas acima referidas constitui a base mais importante para a investigação contemporânea nesta área, independentemente de poderem apontar-se alguns aspectos eventualmente mais frágeis ou mais polémicos a ambas, que, por impossibilidade de espaço, não poderei comentar. Embora de forma muito sintética, será útil referir alguns dos pontos de contacto e de divergência entre as referidas perspectivas.

² Uma pequena história, a propósito: num dos inquéritos do grupo de dialectologia do CLUL, um pescador algarvio, referindo-se aos lisboetas (i.e. aos falantes da norma oficial) comentou, de modo aproximado a este: eles são uns snobs, dizem *façamos*, *possamos* e *digamos* quando toda a gente sabe que se diz [fá]çamos, [pó]ssamos e [dí]gamos.

³ As traduções das citações presentes neste texto são da minha responsabilidade.

Não recusando a concepção laboviana segundo a qual a sociedade é o *locus* da variação e da mudança – pelo que factores extralinguísticos devem ser tidos em conta para a sua compreensão (ver Labov 2002 e Kroch et al. 2000, por exemplo)⁴ –, a linha de investigação de base generativista⁵ distingue-se, por um certo número de aspectos teóricos, da da sociolinguística variacionista.

Com efeito, a primeira considera, antes de mais e com particular atenção, a relevância da percepção das gramáticas (no plural) de *input* e, como sua consequência, a localização das mudanças nas gramáticas, operadas durante a fase de aquisição e observáveis nos dados de produção. De acordo com o seu enquadramento teórico, os objectivos desta linha de trabalho inscrevem-se na pesquisa sobre a Gramática Universal e a Língua-I. As mudanças observadas na gramática mental dos indivíduos das novas gerações de falantes – questão nuclear, na decorrência da qual estes investigadores situam a variação e a mudança –, relativamente às gramáticas de *input* (das gerações precedentes), são o resultado da filtragem mental de *inputs* demasiado frágeis para serem interpretados ou para serem viáveis. Essa fragilidade pode corresponder a situações em que determinada propriedade está a alterar-se ou a desaparecer. Assim, em princípio, e exceptuando os casos de contacto linguístico ou outras situações que impliquem maiores ou menores rupturas na transmissão⁶, o falante eliminará variantes de *input* que entrem em conflito com a estruturação já estabilizada do(s) subsistema(s) por elas implicado(s), mas poderá adoptar outras variantes que não tenham tal tipo de implicações na organização das categorias abstractas (Kroch 1989).

A escola variacionista, por seu lado, funda as suas análises em dados da produção e procura delimitar padrões de uso no discurso, atribuindo à percepção uma importância secundária enquanto factor explicativo da mudança linguística. Dito de outro modo, os variacionistas não atribuem ao processo de aquisição da língua materna um papel indispensável à explicação da variação e da mudança observáveis nas comunidades de fala (Labov 1994). Este posicionamento explica-se pelo facto de, associando intimamente língua e sociedade, a sociolinguística variacionista situar a variação e a mudança na língua⁷ e defender, congruentemente, a existência de variantes linguísticas

⁴ Por exemplo, em Labov 2002 é afirmado ser evidente, pelos estudos quantitativos feitos, que as mulheres ocupam a posição dianteira no incremento das mudanças linguísticas e que o factor 'sexo' se destaca no conjunto dos factores sociais relacionados com a variação e a mudança linguística.

⁵ Uso informalmente esta designação para abranger um conjunto de linguistas de formação generativista que trabalham na área da variação e da mudança, ressalvadas algumas diferenças entre eles na abordagem das questões. Enquadrada na Teoria dos Princípios e Parâmetros, a linha de investigação microparamétrica tem dado origem a estudos muito importantes sobre padrões de variação entre variedades de uma dada língua. De notar que, neste tipo de abordagem, o conceito de variante é distinto do usado pelos variacionistas: não implica, como para estes últimos, que os objectos linguísticos em questão (as variantes) sejam totalmente equivalentes entre si, de todos os pontos de vista.

⁶ Thomason, S. Grey & T. Kaufman. 1988. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley. University of California Press é um importante trabalho sobre mudança por contacto.

⁷ Mais concretamente, nas variedades da língua associadas a diferentes comunidades de fala. A esse propósito, Labov 2002 faz notar, relativamente a um estudo fonético realizado em várias cidades americanas, que o tamanho da comunidade é irrelevante: "a grande metrópole de mais de um milhão de habitantes é uma unidade (...) marcada por (...) um alto grau de concordância quanto à avaliação de

explicáveis por factores linguísticos e extralinguísticos. Esses dois tipos de factores (variáveis independentes) são tidos em consideração na formulação de regras variáveis e na consequente análise das variáveis linguísticas em estudo (variáveis dependentes, como, por exemplo, a presença de [r] em final de palavra vs. o seu cancelamento). Neste quadro, desenvolveram-se ferramentas de análise quantitativa sofisticadas⁸ que permitem cruzar factores linguísticos e extralinguísticos e obter não só resultados percentuais de ocorrência das variantes correspondentes às variáveis dependentes sob análise como resultados relativos ao peso probabilístico dos diferentes factores considerados. Com base nos resultados obtidos, torna-se viável construir regras variáveis que incluem, pela sua própria natureza, informação sobre a variação possível em determinada comunidade de fala. Os resultados obtidos através da análise da variação podem indiciar tendências de mudança ou mudanças em curso, sobretudo se o investigador utilizar a técnica do *tempo aparente* (articulada com a de *tempo real*), que consiste em recorrer a dados obtidos junto de falantes de diferentes faixas etárias, no pressuposto de que é possível "usar o presente para explicar o passado" (Labov 1975) e de que a análise desses dados permite fazer inferências sobre a mudança (Labov 1994)⁹.

Ao postular a existência de gramáticas em coexistência¹⁰ e em competição e o facto de, obviamente, uma mesma gramática não poder admitir uma regra e o seu contrário (Lighthfoot 1999), os investigadores de matriz generativista que trabalham nesta área afastam-se teoricamente dos variacionistas, recusando, por razões teóricas evidentes, a validade das regras variáveis. Os métodos quantitativos que utilizam estão, pois, ao serviço de objectivos diversos dos do variacionismo, ou seja, da definição das diferentes gramáticas em competição e da explicação da variação paramétrica e da mudança em articulação com esse pressuposto.

2.1 Sobre variação linguística

A abordagem variacionista em sociolinguística traçou um conjunto de objectivos fundadores, o qual supõe o estudo (i) das causas da diversidade linguística observável nas produções dos falantes, (ii) da correlação, que deve ser explicativa, entre as variantes linguísticas atestadas e factores linguísticos e extralinguísticos, (iii) da relação

variáveis sociais e ao alto grau de diferenciação social associado a variáveis sociolinguísticas estáveis e a mudanças em curso. De muitos pontos de vista, é mais difícil dar conta deste grau de uniformidade do que da divergência. Como explicar que a comunidade, no seu todo, mostre níveis de mudança ascendentes, apesar de essa mudança ser inicialmente identificada com falantes que não podem ser tomados como grupos de referência para todos?" (sublinhado meu).

⁸ É o caso do programa *GoldVarb 2001*, disponível na Internet, e do anterior *Varbrul*, cuja utilização não dispensa, como é óbvio, uma reflexão prévia e subsequente sobre os dados submetidos ao programa.

⁹ Labov 1994 baseia-se no princípio do uniformitarismo: "(...) opost[o] à teoria da catástrofe (...), é uma pré-condição necessária, (...) pois permite inferir pela observação de *processos em curso* aqueles que operaram no passado" (Callou, D., J. Moraes e Y. Leite (1998) Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *DELTA*, 14, pp. 61-72).

¹⁰ O conceito de *coexistent systems* foi introduzido por Fries, Charles C. & Kenneth Pike (1949) Co-existent phonemic systems. *Language*, 25. pp.29-50.

entre a variação observada e as tendências de mudança/mudanças em curso, sincronicamente observáveis e (iv) do efeito de cadeia que, a partir de um ‘detonador’ (*triggering*) inicial, faz com que uma mudança ocorrida num dado subsistema se expanda a outros subsistemas de uma língua L.

Reconhecendo que ter em conta os mecanismos da percepção é fundamental para a compreensão do funcionamento da linguagem, Labov defende que analisar a produção (a Língua-E, em Chomsky 1986) permite não só construir hipóteses sobre a organização do sistema linguístico dos falantes como, pela observação directa do ‘vernáculo’¹¹, ter acesso a uma quantidade de informação concreta e mensurável, ou seja, à produção linguística em situações de comunicação variadas e socialmente enquadradas (Labov 1994). É, assim, pedra de toque para a perspectiva variacionista o facto de os muitos estudos de caso levados a cabo ao longo de vários anos provarem que a variação não é arbitrária, imprevisível e desordenada, mas antes revela a existência de padrões dentro de uma mesma comunidade de fala – padrões esses fundamentais para a análise qualitativa dos dados. A unidade de medida usada para a análise da variação e da mudança não é, conseqüentemente, nem o falante, na sua individualidade, nem os falantes, numa globalidade intangível, nem a língua no seu todo, abstracta: o domínio de observação são os falantes de uma dada comunidade de fala, linguística e socialmente bem definida¹², comunidade entendida não como um grupo de pessoas que usam, todas, as mesmas formas, mas como um grupo que partilha os mesmos julgamentos de gramaticalidade e de adequação das formas linguísticas no seu uso¹³. Com base nesta concepção, uma dada mudança que se estenda a toda a sociedade deverá poder ser explicada como tendo-se iniciado em determinada variedade/comunidade de fala e tendo-se expandido às restantes.

Tomar as comunidades como objecto de análise não invalida o facto de que “os falantes nativos de uma língua usam e reagem a categorias que são linguisticamente as mesmas”; contudo, e continuando a citação, “dentro de cada categoria, os diferentes elementos [estão] em ‘variação livre’ (...)” (Labov 1987), sendo que “a variação é frequentemente condicionada pela probabilidade de uso em função do contexto e esses condicionamentos quantitativos podem ser usados para descrever o sistema da comunidade e a validade das regras [variáveis]” (*idem*). Neste sentido, defendem os variacionistas que as regras variáveis são o tipo de formalização mais adequado para explicar os dados empíricos: a formulação dessas regras, entendidas como ‘esquemas de regras’ (*rule scheme*), tem como objectivo “reduzir a variação observada a padrões

¹¹ *Vernacular*, no original, ou seja, a produção não autopolicada, em situação natural, cujas dificuldades de obtenção são sintetizadas no *paradoxo do observador* (Labov 1972).

¹² É por essa razão que os variacionistas recusam a utilização da intuição do investigador como única ou principal fonte de julgamentos de gramaticalidade e de aceitabilidade. Com efeito, ao trabalhar sobre dados obtidos junto de membros de comunidades às quais não pertence, na maioria dos casos, dificilmente o investigador terá disponíveis na sua gramática (ou nas suas gramáticas) todas as propriedades que vai observar nas gramáticas dos seus informantes, através das produções que analisa, e dificilmente terá suficiente conhecimento das comunidades diferenciadas em que recolhe dados, pelo que as suas intuições de linguista, embora indispensáveis para a análise dos dados, não são suficientes.

¹³ A variação socialmente significativa deve corresponder a estratificações sociais.

quantitativos regulares, controlados por factores sociais” (Kroch 1989). Ou seja, por um lado, a variação livre não deve ser entendida como sinónimo de variação arbitrária (porque corresponde a padrões linguísticos), nem de variação opcional (visto todas as escolhas dos falantes serem situacionalmente e socialmente motivadas), o que é visível na significância que tomam determinadas variantes linguísticas quando correlacionadas com factores extralinguísticos como o sexo, a idade, o nível de instrução ou o estilo. Os falantes, pressupõe-se, tentam ajustar-se correctamente a cada situação de comunicação, de acordo com o seu conhecimento das relações sociais e com a avaliação que fazem da adequação das variantes de que dispõem a cada uma dessas situações. Por outro lado, a formulação de regras com vista a sintetizar, num esquema formal, as diferentes possibilidades de ocorrência das variantes permite dar conta, em simultâneo, da variação existente, dos seus limites e das condicionantes que operam em cada caso. Isto é, permite formalizar a variação possível – e os limites da variação – em dada variedade da língua L. Assim, afirmar que tal comunidade fala tal variedade (ou tem tal norma) equivale a operar com uma abstracção e não significa que haja homogeneidade entre os seus membros, opinião partilhada pelos investigadores de matriz generativista, os quais, no entanto e como acima referido, têm como pressuposto que as escolhas operadas pelos falantes se fazem entre parâmetros de diferentes gramáticas. Nesta perspectiva, se é admitido que factores extralinguísticos podem condicionar a selecção de diferentes formas (a variação “reflecte frequentemente escolhas [dos falantes] que são não categoricamente determinadas por princípios linguísticos, a nenhum nível, mas sim probabilisticamente influenciadas pelo contexto e pela situação”, Kroch 1989), tal não invalida que essas formas pertencem a diferentes gramáticas. Seguindo esta linha de pensamento, os limites da variação decorrem da existência de ‘sinais’ linguísticos (*linguistic cues*) comuns a todas as gramáticas, a par de outros existentes apenas em algumas gramáticas em coexistência e em concorrência: “A GU específica não só um conjunto de parâmetros mas, para cada parâmetro, um ‘sinal’. (...) os ‘sinais’ que são realizados apenas em determinadas gramáticas constituem os parâmetros, os pontos de variação entre gramáticas.” (Lighthfoot 1999).

2.2 Sobre mudança linguística

Na perspectiva variacionista, a mudança ocorre, relativamente a uma variável dependente (realização *vs.* cancelamento de [r] em final de palavra, para retomar o exemplo dado acima), quando mudam as variáveis independentes relevantes, linguísticas e/ou extralinguísticas. Se os efeitos já estabilizados da mudança são visíveis na língua à escala de décadas ou de séculos, as tendências de mudança e as mudanças em curso são detectáveis em espaços de tempo mais curtos. Sobre este facto há consenso entre todos os investigadores, independentemente do seu enquadramento teórico.

A linguística variacionista propõe uma metodologia de pesquisa que visa captar essas tendências de mudança/as mudanças em curso relativas a determinada variável ou a um conjunto de variáveis interligadas (por exemplo, em PB, a perda da morfologia flexional, o enfraquecimento do sistema pronominal e a perda de concordância entre

sujeito e verbo, cf. Duarte 2000¹⁴, nomeadamente) e que consiste em recolher dados junto de um grupo de falantes com as características desejadas, em dado momento e passados alguns anos, com vista a estudar a *mudança em tempo real*, e junto de falantes de faixas etárias diferentes, para o estudo da *mudança em tempo aparente*. Tal metodologia tem em vista fazer uma aproximação aos pesos relativos dos factores linguísticos e sociais na variação e numa provável mudança, obviando a impossibilidade de poder recolher dados daqui a cem ou duzentos anos, com falantes de novas gerações.

É necessário, para a validação dos resultados, adoptar uma metodologia de recolha de dados muito rigorosa, que permita ter acesso a evidências empíricas em número suficiente, linguisticamente relevantes para a análise da variável (ou variáveis) seleccionada(s), e obtidas junto de falantes com perfis diferenciados e bem definidos¹⁵. Só nessas condições se poderá levar a cabo a análise qualitativa dos dados com uma margem de certeza aceitável, medir o alcance da mudança – quais os domínios afectados, qual o resultado previsível e a sua extensão, em termos percentuais – e determinar os factores linguísticos e/ou extralinguísticos que a desencadearam e a fizeram avançar ou abortar¹⁶. O peso do factor «contexto favorecedor» vs. «contexto potencialmente não favorecedor», por exemplo, é fundamental para o entendimento das causas linguísticas da expansão de determinada mudança. Não é, contudo, possível prever com toda a segurança os resultados das tendências de mudança ou das mudanças em curso observáveis num reduzido espaço de tempo. Com efeito, múltiplos cenários podem ter lugar: uma variante pode substituir totalmente outra já existente para uma mesma categoria linguística; duas ou mais variantes podem manter-se em coexistência, numa mesma comunidade de fala, com uma distribuição passível de ser associada a factores extralinguísticos como a idade, o sexo ou o grau de instrução; a variante mais recente, após algum tempo de vitalidade e de coexistência com a mais antiga, pode desaparecer.

Na mudança a longo termo, a compreensão das mudanças é facilitada pelo facto de estas estarem estabilizadas, apesar de se dispor apenas de *corpora* escritos e, por vezes, pouco extensos.

Do ponto de vista variacionista, a heterogeneidade dos *inputs* poderá reflectir-se na integração de novas formas alternantes, variantes, na comunidade de fala (nomeadamente se houver condicionamentos sociais que favoreçam essa integração como, por

¹⁴ Duarte, Maria Eugênia L. (2000) The loss of the 'Avoid Pronoun Principle' in Brazilian Portuguese. In M. Kato e E. V. Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt am Main: Madrid/Frankfurt: Iberoamerica/Vervuert, pp. 17-36.

¹⁵ Relativamente a questões metodológicas, ver, por exemplo, Silva-Corvalán, C. (1989) *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alambra; Silva-Corvalán, C. (2001) *Sociolingüística y pragmática del español*. Washington, DC: Georgetown University.

¹⁶ Referindo-se à difusão social da mudança, Labov 2002 refere a influência de determinados indivíduos nas redes sociais, a mobilidade social dos falantes e o papel da não conformidade às normas estabelecidas, entre outros. É de sublinhar a tónica posta nestes factores extralinguísticos como despoletadores e explicativos da mudança. Ver Kroch (1989) para mais informação sobre a problemática do grau de expansão das mudanças e sobre a *Constant Rate Hypothesis*, a qual levanta nomeadamente a questão da relevância da analogia, factor tradicionalmente considerado como explicativo do alargamento imprevisível de determinada mudança a contextos ou itens que supostamente não reuniam condições propícias para que tal ocorresse.

exemplo, o desejo de identificação com uma comunidade socialmente mais prestigiada, falante de uma outra variedade, ou o seu inverso – cf. Labov 1972, sobre Martha's Vineyard); essa integração pode resultar na implementação de mudanças mais ou menos profundas na variedade da comunidade em questão.

Na perspectiva de Lightfoot, Kroch e outros (que, lembre-se, diferentemente dos variacionistas, atribuem ao processo de aquisição da língua materna um papel central para a explicação da variação e da mudança), a heterogeneidade dos dados recebidos como *input* é relevante para a aquisição da Língua-L, mas num sentido muito específico: as crianças são os motores da mudança e, em fase de aquisição, são sensíveis às estruturas abstractas que depreendem a partir dos 'sinais' (*cues*) fornecidos pelos *outputs* heterogéneos com que são confrontadas (do domínio da língua-E), mas não copiam os *outputs* em si mesmos. Isto é, integram as informações relevantes que estes dados transportam ("A criança varre (*scans*) o contexto linguístico [em que vive] à procura de 'sinais' (*cues*)", Lightfoot 1999:149). É, conseqüentemente, esperável que a gramática mental das crianças seja distinta, em maior ou menor grau, das gramáticas das gerações mais velhas; caso contrário, como refere Kroch 1989, não haveria meio de explicar a mudança na gramática, na Língua-L. Como consequência, é defendido que as mudanças na gramática mental dos falantes são abruptas, enquanto as mudanças visíveis na língua são graduais, o que é coerente com o facto de ser postulado que uma língua corresponde ao conjunto das gramáticas diferenciadas existentes nas mentes dos falantes (*op. cit.*:78) e que essas gramáticas coexistem na língua, em competição, não mudando todas ao mesmo tempo e do mesmo modo.

Labov, por seu lado, discute modelos explicativos da mudança lenta vs. abrupta em vários dos seus textos, e, decerto motivado pela divulgação da perspectiva dos investigadores de matriz generativista, em trabalhos mais recentes refere a questão da idade e do sexo dos falantes despoletadores das mudanças. Assim, refere-se nos seguintes termos à expansão de mudanças sonoras associadas à aquisição da língua materna: em geral, as crianças aprendem a falar num círculo feminino e, sendo as mulheres mais sensíveis, em geral, à mudança linguística, as mudanças que elas veiculam são mais rapidamente desenvolvidas pelas crianças e jovens do sexo feminino; os indivíduos de sexo masculino permanecem no nível inicial do *input*; os filhos desta nova geração recebem a mudança ocorrida relativamente a dada propriedade, veiculada pelas suas mães, mas, de novo, os indivíduos do sexo masculino permanecem a esse nível (ou regridem, por simbolicamente associarem a mudança em causa a feminilidade), enquanto os de sexo feminino incrementam a mudança. Na terceira geração, as crianças de sexo masculino adquirem o nível do sexo feminino da segunda geração, diminuindo assim a distância por sexos. A mudança entra então em fase de estabilização e a propriedade em questão é sentida como não marcada, expandido-se a toda a comunidade de fala (Labov 2002). Relativamente ao factor idade, Labov refere que a mudança é mais "vigorosa e activa" na adolescência e que, embora em vários estudos de caso seja clara a influência de adultos sobre adultos, a difusão da mudança, é "mais lenta e mais irregular", defendendo ser necessária mais investigação para aperfeiçoar esta vertente do conhecimento (Labov 2002b).

Fica deste modo claro que, apesar de ter em consideração a influência da aquisição no incremento das mudanças linguísticas, Labov põe regularmente a tónica nos factores extra-linguísticos que a acompanham, referindo a relevância social de certos grupos (em geral, são os grupos culturalmente dominantes que lideram a mudança linguística), por exemplo, ou o factor sexo, que “não é uma categoria biológica mas social” e aquela de que a criança tem mais consciência, sendo “a máxima aceleração da difusão [de uma mudança], dentro da comunidade (...), o resultado da reinterpretação de diferenças de categorias sociais como sendo diferenças de género” (*op. cit.*).

As posições variacionista e de inspiração generativista partem, assim, de patamares teóricos diferentes, o que tem consequências relativamente à explicação da variação e da mudança. Contudo, não é impossível articular em parte os contributos de ambas; citando Lighthfoot 1999: 81-82), “[Segundo Labov] as gramáticas dos falantes são entidades psicológicas/biológicas que existem na mente dos indivíduos, num sentido muito próximo do que defendo aqui, mas (...) estas gramáticas incorporam regras que contêm variáveis (...) socialmente induzidas (...). Toda esta informação, incluindo a informação sobre a diferença entre dialectos, é aprendida através da exposição às formas alternantes. (...) A diferença entre a sua gramática e aquelas que descrevi é que a sua incorpora muito mais informação (...) sobre a variabilidade social.”. Poder-se-ia acrescentar que Labov defende, igualmente, que os falantes ‘conhecem’ intuitivamente o sentido da mudança, o que pode ser aproximado da visão *cue-based* de Lightfoot, embora sem o mesmo grau de teorização.

3. Um exemplo de variação (de mudança em curso?) no português europeu falado

Se, no processo de aquisição, “as crianças procuram ‘sinais’ gramaticais pré-especificados e não copiam necessariamente o *input* que recebem” (Lighthfoot *op. cit.*:141), não é contudo evidente que os falantes mais velhos tenham consciência da existência desses ‘sinais’. Certas variantes que, em dado momento, são sentidas pelos mais velhos como inovadoras podem não corresponder a novas regras, mas sim a um aumento da percentagem de uso ou ao alargamento de regras pré-existentes a um maior número de unidades lexicais ou a um maior número de contextos.

Um exemplo de fonética sintáctica do português europeu (PE) que poderá ilustrar um caso de variação redundando em mudança é o de realizações, hoje frequentes em falantes da variedade standard e presumivelmente de várias outras¹⁷, do tipo [uʃákuʃ] (*os sacos*) ou [máʃʃákuʃ] (*mais sacos*), com a palatal em ataque de sílaba ([u-

¹⁷ Que seja do meu conhecimento, não foi feito nenhum estudo sociolinguístico extenso sobre este tipo de questões, em PE, pelo que qualquer tentativa de delimitar a distribuição geográfica e social ou de definir a faixa etária afectada por este processo só poderia ser impressionista. De referir Andrade & Rodrigues 2004, que, estudando do ponto de vista acústico dados de um grupo de falantes de Lisboa e de Braga, avançam algumas hipóteses sobre a difusão do fenómeno em causa, fazendo contudo comentário do mesmo tipo. Está em curso a elaboração de uma dissertação de Mestrado, sob minha orientação e de Esperança Cardeira, na FLUL, que se espera poder trazer alguma informação relevante sobre o percurso da mudança em causa no interior de palavra, desde o séc. XVI.

-ʃákuʃ]) que são sentidas como 'estranhas' por alguns falantes da mesma variedade, os quais produzem [uʃsákuʃ] e [májʃsákuʃ], com realização das duas consoantes. Embora não seja possível afirmar que a ocorrência de palatal simples se alargará, com o tempo, a todos os falantes do PE, é evidente que o contexto -/s/#/s/- ou /ss/ (no interior de palavra) é favorecedor de variação, nesta língua, o que permite admitir que uma mudança venha a ocorrer em todas as gramáticas ou na língua, consoante a perspectiva que se adoptar. Sequências como [vémuʃvɛ́r] (*vamos sair*), variante de [vémuʃsvɛ́r], [uzelúnuʃábɛ́j] (*os alunos sabem*), variante de [uzelúnuʃsábɛ́j], ou ainda unidades lexicais como [piʃíne], [pɪʃíne] ou [pʃíne] (*piscina*), com simplificação de /ss/, [ʃs] (Mateus e Andrade 2000:145) ou, de acordo com Andrade e Rodrigues 2004, com fusão de [ʃ] e /s/, parecem abranger um grupo de falantes mais vasto, de faixas etárias mais alargadas, podendo assim supor-se que é no domínio do SN que a variação causa ainda estranheza a muitos falantes¹⁸. Com efeito, esses falantes aparentemente não dispõem, em contextos de sândi externo, da regra da fusão da fricativa em coda na primeira palavra com a fricativa em ataque na palavra seguinte, no domínio do SN.

Um outro exemplo é o da realização de sequências como [póteʃpiyádeʃ] (*pontas espigadas*, publicidade na TV), [nuʃkelôjʃ] (*nos escalões*, Secretário de Estado, na TV), [uʃpéluʃ] (*os espelhos*, homem de meia-idade, numa loja) ou [vʃtɛtístikeʃ] (*as estatísticas*), [uʃtíluʃ] (*os estilos*), [uʃkulíduʃ] (*os escolhidos*), produzidos por jovens repórteres da TV. Em todos estes exemplos, para falantes que produzem, por exemplo, [póteziʃpi'yadeʃ] e [uziʃkulíduʃ], a estrutura silábica do sintagma, nos exemplos recolhidos, é percebida como estando a palatal em coda da primeira unidade lexical ([uʃ-tíluʃ], [póteʃ-piyádeʃ], [uʃ-kulíduʃ], etc.). Para os falantes que percebem, nestas últimas sequências, uma fronteira de sílaba entre [uʃ] e [tíluʃ], etc., pode tornar-se difícil computar correctamente a informação, quer porque a segmentação tem como resultado a impossibilidade de reconhecer um item lexical (como **tilos*, inexistente em PE), quer porque esse item existe mas seria desadequado ao contexto (como no caso de *colhidos*, em [uʃkulíduʃ], quando se tratava de candidatos escolhidos para determinado cargo, ou de *calões*, quando se falava da promoção de funcionários públicos). Casos como estes levantam a questão teórica da existência ou não, para todos os falantes do PE, de uma vogal fonológica inicial em *espigada*, *estatística*, *estilo*, etc., da consequente forma de sândi entre a unidade que a precede e ela própria e da ressilabação daí decorrente.

Em Mateus e Andrade 2000, é assumido que, em PE standard, essas palavras têm um núcleo vazio na sílaba inicial (como em [ʃsídír] (*escindir*), *op. cit.*:43), e que [ʃ] e [s] não pertencem à mesma sílaba; a favor dessa análise, argumentam com base na

¹⁸ Como afirmado na nota 17, não há informação disponível suficiente para suportar afirmações categóricas. Aqui, apoio-me simplesmente em dados empíricos da não ocorrência do fenómeno, em contextos informais, em falantes de PE standard, e não só, com mais de 50 anos e de nível de instrução alto, e nas reacções que neles tenho observado, quando expostos a *inputs* em que o fenómeno em causa ocorre. Em Andrade e Rodrigues 2004, é proposta a caracterização dos falantes em "falantes de fusão forte" e "falantes de fusão fraca".

ocorrência, em português do Brasil (PB), de núcleos preenchidos, geralmente por [i]: [iʃ-sídír] (*op. cit.*:45). Embora não referindo os autores a questão que aqui foco, parece ser possível deduzir da análise dos vários casos apresentados com a sequência /ss/ que, em contextos do tipo *os estilos*, as consoantes em coda no determinante e em coda no nome (coda de uma rima com núcleo vazio) simplificam numa palatal, como acontece com /s/, -[ʃ] em coda e com /s/, [s]- em ataque, em *os sapatos* ou em *piscina* (exemplos dos autores, *op. cit.*:145). A diferente segmentação silábica das unidades prosódicas *os sapatos* e *os estilos* poderá decorrer do facto de *estilos* ter núcleo vazio na sílaba inicial: no domínio do sintagma fonológico, a consoante da primeira sílaba de *estilos* mantém a sua posição de coda; o núcleo vazio dessa sílaba, por efeito da fusão das consoantes final do determinante e inicial do nome, passa a ser preenchido pela vogal do determinante, dando origem a [uʃ-tíluʃ], com sílaba inicial VC, evitando-se assim a sequência consonântica [ʃt] em posição de ataque silábico¹⁹. Em [u-ʃepátuʃ], por não haver este tipo de restrições, a consoante palatal ocupa a posição de ataque da segunda sílaba.

Tendo em conta as variantes atestadas em PE ([uʃtíluʃ] vs. [uziʃtíluʃ], [uʃepátuʃ] vs. [uʃsepátuʃ], [piʃíne] vs. [piʃsíne]²⁰, etc.) parece possível propor que mesmo falantes da variedade standard terão representações silábicas diferentes relativamente a estas unidades lexicais (têm diferentes gramáticas) e que tal tem consequências no sândi externo e na ressilabação. Por outro lado, e relativamente ao afirmado em Mateus e Andrade 2000 sobre o PE, é de referir que também em PE pode ocorrer uma vogal em palavras do tipo *estilo*, dando origem a realizações como [eziʃkólɐʃ] (*as escolas*), [eziʃkádɐʃ] (*as escadas*), pelo que esse fenómeno não é exclusivo do PB.

Referências bibliográficas

- Andrade, Amália & Celeste Rodrigues (2004) Um exemplo de sandhi consonântico variável em Português: uma abordagem mista. *Actas do XIX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri, pp. 257-268.
- Chomsky, Noam (1986) *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. New York: Praeger.
- Kroch, Anthony (1989) Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variation and Change* 1, pp. 199-244.
- Kroch, Anthony, Ann Taylor & Donald Ringe (2000) The Middle English verb-second constraint: A case study in language contact and language change. In S. C. Herring et al. (eds.) *Textual parameters in older languages*. John Benjamins: Amsterdam/Philadelphia, pp. 353-391.

¹⁹ Cf. Mateus e Andrade 2000 sobre sequências 'estranhas' de consoantes ("odd consonant sequences", no original: 43) em ataque de sílaba; a propósito, referem este tipo de palavras como um caso diferenciado.

²⁰ Excluem-se outras variantes, como [pisíne], por serem irrelevantes para o caso de variação/mudança em análise.

- Labov, William (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____ (1975) The Use of the Present to Explain the Past. In L. Heilmann (ed.). *Proceedings of the 11th International Congress of Linguists*. Bologna: Il Molino, pp. 825-851.
- _____ (1987) Some Observations on the Foundations of Linguistics. (disponível em www.ling.upenn.edu/~wlabov/home.html).
- _____ (1998) Coexistent systems in African-American English. In S. Mufwene et al. (eds.). *The Structure of African-American English*. London: Routledge, pp. 110-153.
- _____ (1994) *Principles of linguistic change*. Volume I: *Internal Factors*. Oxford: Basil Blackwell.
- _____ (2002) Driving Forces in Linguistic Change. (disponível na Internet).
- _____ (2002b) Pursuing the Cascade Model. In D. Britain & J. Cheshire (eds.) *Social Dialectology: In Honor of Peter Trudgill*. Amsterdam: John Benjamins.
- Lightfoot, David (1991) *How to set parameters*. Cambridge, MA: MIT Press.
- _____ (1999) *The Development of Language: Acquisition, Change, and Evolution*. Oxford: Blackwell.
- Mateus, Maria Helena Mira & Ernesto d'Andrade (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.